

## O TRÁGICO HOJE

André GARDEL<sup>1</sup>

Quais os caminhos que o trágico hoje percorre? Quais estradas levam a ele, quais linhas de fuga, por sua vez, abre? Aonde para, se reabastece, fica por momentos, se esconde, depois retoma a caminhada? Como brilha sob o sol, em que sombras se alimenta e cresce, quais seres o carregam no dorso, quais o levam grudado na pele, quais são por si sós sua imagem e semelhança? Sabe-se apenas que mantém contato sensível, pré-conceitual com a tragédia que o originou e o modelou como desenho, música, dança e noção, por meio de espirais místicas, pontes invisíveis, resíduos, ruínas, ecos longínquos, epifanias restauradoras, reencarnações inesperadas e potentes.

E esse contato impalpável, fugidio e incontornável entre trágico e tragédia ocorre nas relações dos homens com os deuses, dos homens entre si em guerras fratricidas, na intimidade do homem consigo próprio, da individuação ao despedaçamento e deste à unidade restaurada, entre a natureza e a cultura, a arte e o mundo, o arcaico e o moderno, o mito, a liberdade e a razão. Resta-nos, então, num suspiro exaurido, vislumbrar balbuciando: o trágico silencioso ou pleno de ruídos pulsa, vive!

Sim, e o movimento entre o trágico e a tragédia não cessa de nos espantar, de nos convocar, de nos atravessar. Essa irredutibilidade entre destino e escolha, entre a escolha errada que afeta toda a comunidade e o que não tem mais como redimir, mas que é vivido por meio da poesia do corpo, é o elemento fundante da tragédia que o ato de nomear o trágico, de infinitas formas e modos, não perde jamais de vista, pois faz parte de seu DNA.

---

<sup>1</sup> **André Gardel** é professor adjunto IV do Curso de Estética e Teoria do Teatro e da Escola de Letras da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). É escritor, publicou 11 livros – de poesias, ensaios, didáticos, dramaturgia -, recebendo o Prêmio Carioca de Monografia de 1995 por *O encontro entre Bandeira & Sinhô*. Fez palestras em diferentes Centros Culturais e Instituições Universitárias no Brasil e no exterior. Participa de conselhos editoriais e publica artigos em revistas de teatro, literatura e música popular. Foi resenhista do *Idéias* (Jornal do Brasil) e de outros jornais e revistas. É cantor e compositor de música popular e gravou os CDs *Sons do poema* (1997), *Vôo da cidade* (2008) e *lua sobre o rio* (2014).

Voltar à tragédia para costear o trágico hoje é sempre uma aventura. Sabemos que Dioniso é múltiplo e que nunca “deixou de ser o herói trágico, e que todas as figuras célebres do palco grego, Prometeu, Édipo e assim por diante, são apenas máscaras desse herói primordial”<sup>2</sup>; com isso, “embarcar em direção a Ésquilo, ou mesmo Eurípides, (é) apumar as velas para um continente muito sombrio, muito perigoso, muito longínquo, subterrâneo, do outro lado de um oceano povoado de ferocidades”<sup>3</sup>.

E nossa proposta, neste dossiê sobre o trágico hoje, é exatamente transitar pelos rincões do universo da tragédia, cujos corpos celestes se encontram em processo de interação por meio da matéria escura temporal que os atrai e aciona, a partir de dois pontos rotativos principais: articulistas pesquisadores, provenientes de diversas instituições universitárias, brasileiros e gregos. Afora isso, um cometa cruza os céus e nos traz a imagem densa de uma nova reencarnação do mito de Medéia: a tragédia *Civilisation – une tragédie cosmique*, de Dimitris Dimitriadis, escrita originalmente em grego e publicada aqui em francês. Dimitra Kondylaki, autora da primeira monografia sobre o teatro de Dimitris, nos brinda ainda com uma bela resenha elucidativa, *Aujourd’hui désarmé*, sobre a obra.

Para completar, duas entrevistas, captadas de vibrações eletromagnéticas no espaço, dão contornos orais ao dossiê: uma que fiz com Angela Leite Lopes – tradutora e professora da Escola de Belas Artes/ UFRJ – *Trágico: o teatro como discernimento*; e outra com o diretor de teatro grego Sotiris Karamesinis – editor junto comigo, responsável pela parte da Grécia de nosso dossiê - realizada pelo Dr. Athanassios N, Samaras.

Da Grécia vem também o estudo em francês de Angeliki Poulou sobre o emprego de novas mídias, especialmente o vídeo ao vivo e a tecnologia do som, na encenação da tragédia grega na *cidade-tela* do presente, a partir da análise de *(A) pollonia*, espetáculo criado por Krzysztof Warlikowski, apresentado no verão de 2009 no Festival de Avignon. O artigo em inglês de Savas Patsalidis pensa como questões de imigração, deslocamento, alteridade e desenraizamento, recorrentes e traumáticas em nossos tempos pós-trágicos, emergem, vivas, dos mitos arcaicos presentes em *As suplicantes*, de Ésquilo, e vão desbordar em produções contemporâneas como *The Children of Herakles*, releitura de Peter Sellars de Eurípides, e *Big Love*, de Charles Mee.

Movimentando a ideia-corpo viajante de trágico por distintas expressividades e saberes, o artigo de Teresa Bastos e Leandro Pimentel desloca o olhar da representação da

---

<sup>2</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *Obras incompletas/ Friedrich Nietzsche*. Sel.: Gerard Lebrun. Trad. e notas: Rubens Rodrigues Torres Filho. Posfácio: Antonio Candido. SP: Abril Cultural, 1983, p. 9

<sup>3</sup> MNOUCHKINE, Ariane. *A arte do presente/ Ariane Mnouchkine: entrevistas com Fabienne Pascaud*. Trad.: Gregório Duvivier. RJ: Cobogó, 2011, p. 163

tragédia na fotografia e reflete sobre o anúncio do trágico na imagem, tanto em sua construção estética quanto nos discursos que a acompanham; o ensaio de Gilson Motta busca fazer uma caracterização do trágico na contemporaneidade, considerando teorias de Nietzsche e Maffesoli e práticas artísticas que fazem uma performatização da dor; Rodrigo Guerón, por sua vez, articula a noção de trágico nietzscheana com a de antropofagia de Oswald de Andrade para refletir sobre autores que fizeram cinema em países colonizados, como são os casos de Jean Rouch, Arthur Omar, Glauber Rocha, Júlio Bressane, Andrea Tonacci.

O filósofo Jorge Vasconcellos também se nutre do repasto antropofágico de Oswald, visto como um pensar tragicamente radical da cultura brasileira hoje, uma antropofagia trágica, portanto, para fazer uma leitura do “pensamento brasileiro” contemporâneo. Abordando o *ethos* trágico no discurso ficcional contemporâneo, Luciana Vilhena se detém sobre o sujeito como centro do processo enunciativo, voz narrativa sempre em busca de si mesma, que vive a impossibilidade de síntese tranquilizadora e, conseqüentemente, uma tensão permanente entre impulsos opostos. Marcelo Santos se depara, em seu artigo, com uma escrita que deixa de se mover, uma escrita do desaparecimento, próxima do conceito de neutro de Barthes e da tendência ao silêncio do pensamento oriental, e será nessas figuras silentes e na cisão entre oriente e ocidente que se vislumbrará a manutenção de um espírito trágico.

Sob viés pedagógico, a grega Georgina Kakoudaki, em estudo em inglês, se debruça sobre as possibilidades das encenações de tragédias gregas configurarem construções de cidadania ativas para adolescentes; em outras palavras, apresenta uma combinação de práticas de teatro cujo objetivo é criar um diálogo dinâmico com audiências participativas, a fim de construir uma identidade civil.